

Pandemia.

conforto agora é mais fácil

Porquê usar
lã mineral
Volcalis?



Propriedades acústicas

O ruído tem consequências para a saúde. Ótimo coeficiente de absorção sonora (α_w).



Desempenho térmico

Sabia que mais de 30% da energia consumida em Portugal é consumida pelos edifícios? A lã mineral é um excelente isolante térmico.



Resistência ao fogo

A lã mineral tem uma reação ao fogo A1 (é incombustível).



Aplicação confortável

A lã mineral Volcalis tem um toque suave, é fácil de manusear, cortar e instalar.



Qualidade do ar interior

Volcalis tem a melhor classificação na qualidade do ar interior A+.



Múltiplos elementos construtivos

Aconselhada para aplicações não só na envolvente opaca como também em elementos interiores.



Baixo impacto ambiental

Produzida à base de areia e ligante de origem biológica. Muito compressível permite reduzir até 10 vezes a necessidade de transporte.

Projetado e fabricado em Portugal

A fábrica da Volcalis está localizada no centro de Portugal e tem fácil acesso às redes marítimas, ferroviárias e rodoviárias.



volcalis.pt

Zona Industrial de Bustos · Aveiro · Portugal
T (+351) 234 751 533 · apoio tecnico@volcalis.pt



Índice

Jornal Arquitectos
Número 260 // Junho 2020 // Edição Especial

Ficha Técnica	2
Editorial	5
Adriano Niel	6
Alexandre Alves Costa	7
Alexandre Burmester	8
Álvaro Siza Vieira	9
Ana Bordalo	10
António Bento Gonçalves	11
António Gil Machado	12
António Menéres	13
Atelier Peninsular	14
Avelino Oliveira	15
Bartolomeu Costa Cabral	16
Carlos Alho	17
Carlos Mineiro Aires	18
Carlos Santos	19
Célia Gomes	20
F. A. Ribeiro da Costa	21
Fátima Fernandes	22
Francisco Silva Dias	23
Guilherme Pedrosa	24
Helena Roseta	25
Hugo Merino Ferraz	26
Inês Alves	27
João Magalhães Rocha	28
João Santa-Rita	29
Jorge Cancela	30
José Alberto Rio Fernandes	31
José Miguel Fonseca	32
José Rui Marcelino, André Castro	33
Fast archi challenges: A cidade do confinamento	
Pandemic	36
Quarantine	40
Luis Pedro Cerqueira	50
Luis Pinto de Faria	51
Mafalda Pinto Pinheiro	52
Manuel Lapão	53
Márcio de Campos	54
Marco Silva	55
Mónica Alcindor, Mariana Correia	56
Michel Toussaint	57
Miguel Amado	58
Nuno Abrantes	59
Paula Silva	60
Paulo Tormenta Pinto	61
Pedro Brandão	62
Pedro Ressano Garcia	63
Pitum Keil do Amaral	64
Raquel Maria Airosa	65
Sofia Aleixo	66
Vanessa Pires de Almeida	67
Fotografias de Paulo Santos	68

Crónica de uma docente de arquitectura nos inícios da pandemia de Covid-19

Sofia Aleixo

MEMBRO N.º 4598

A 2 de Março Portugal tinha apenas 2 casos confirmados de COVID-19, localizados a norte do país. Dois dias depois, a Universidade de Évora emite uma circular onde desaconselha a mobilidade. Nessa semana, anoto na minha agenda “avisar Estónia do cancelamento da mobilidade docente ERASMUS +”, programada para final de Abril, e escrevo a lápis na esperança que a situação se alterasse.

A visita de estudo que tinha agendada a Lisboa com os meus alunos de Projecto II, no dia 5, corria o risco de não se efectuar. Nesse dia, os 9 casos confirmados no nosso país e os quase 100.000 no mundo confirmavam a circular do dia anterior, tornando expectável o impedimento de deslocações de membros da academia. Teria mesmo de enviar um mail para a Estónia.

Com autorização superior, um autocarro transportou 50 alunos do 1 ano do Mestrado Integrado em Arquitectura a Lisboa. Aqui foram recebidos na Sala de Honra da Fundação Calouste Gulbenkian, depois de terem visitado a exposição onde tomaram contacto directo com 12 formas diferentes de intervir no Jardim e de comunicar as suas ideias, entre arquitectos nacionais e estrangeiros. Foi um dia feliz, como são os dias de visita de estudo de arquitectura com os alunos a qualquer cidade.

A aprendizagem pela experiência sensorial da arquitectura, defendida por Juhani Pallasmaa, inclui o tacto, o cheiro, a visão e as mensagens que transmitem ao nosso cérebro que se “materializam” num repositório de memórias a que nós, como arquitectos, recorremos no momento de projectar. E por isso, as visitas de estudo em arquitectura proporcionam momentos únicos de despertar os sentidos, de escutar a arquitectura, de sentir o movimento pelos espaços, de saborear a luz que atravessa aquele vão e a sombra que projecta em seu redor. Por isso, insubstituíveis no ensino.

13 de Março seria o dia em que um Decreto-Lei estabelecia medidas excepcionais e temporárias relativas à situação

do COVID-19, suspendendo as actividades lectivas presenciais em estabelecimentos de ensino públicos a partir do dia 16. Foi autorizada pela Universidade a substituição dessas aulas com a passagem temporária ao “regime de teletrabalho como forma preferencial de desempenho da actividade profissional”. Em resumo, os alunos tiveram cinco semanas de aulas presenciais neste semestre.

Segunda-feira, 16 de Março: primeiro dia de confinamento, em teletrabalho. A circulação nas ruas diminuiu, nos supermercados fazem-se filas à porta e compram-se enlatados, leite, congelados e café. Em casa, com o atelier fechado e os colaboradores em teletrabalho, planeia-se a semana de aulas e de trabalho, projecta-se o futuro próximo na incerteza do presente. Diversos eventos e conferências são cancelados. Enfim, teria sido uma semana cheia, esta em que, no primeiro dia de aulas on-line, a 17, se registou o primeiro óbito em Portugal e em que me apercebo que a última vez que abracei e beijei os meus pais e as minhas filhas foi... já há mais de uma semana. Na véspera de implementação do estado de emergência, 23 de Março, Portugal regista 14 mortos e 1.600 casos.

A necessidade de manter a motivação e compromisso que a prática diária de atelier gerava, a definição e atribuição de tarefas significativas e minimamente interdependentes para manter os contactos, e a demonstração de reconhecimento pelo progresso do trabalho são dificuldades acrescentadas às tarefas de gestão normais, onde a manutenção de uma cultura de atelier neste “novo normal” requer a redefinição de estratégias. Mas mantenho a escrita a lápis, semana a semana, do dia do retorno, do contacto pessoal, da troca de ideias num *coffee break* com um lápis e o projecto na mesa. E não há rato, nem écran, nem som que substitua o cheiro do café que, com o entusiasmo, se entorna sobre o projecto numa animada conversa sobre arquitectura.

Este texto foi editado devido à sua extensão.
Clique neste botão para ler o texto original.

